

## LINHAS DE FOGO

### Manifesto de Cultura Lusíada para o Terceiro Milénio

É pacificamente aceite por *todo o mundo e ninguém*, como bem diria Mestre Gil, que o *tecido económico* da Nação foi totalmente destruído.

Tão-pouco se contesta que o mesmo está a passar-se com o *tecido social* da Nação - também ele a desfazer-se, a olhos vistos.

Só o *tecido cultural* do País é que não tem tido quem lhe valha. Quem lhe acuda. E, no entanto, não se limita a estar já destruído - está, sim, literalmente dilacerado.

Pois nós aqui estamos para lhe prestarmos os primeiros socorros.

Vamos reconstituir todas as fibras desse tecido.

Regenerá-las.

Porque está morto e inanimado, importa levantar de novo e trazer à vida - quanto antes - esse organismo apodrecido.

Nisso estamos.

A isso vimos.

Chega de patologias sinistras.

Toca a injectar saúde e destreza nos vasos, veias e artérias desse novo *corpus* cultural.

Dotá-lo de uma saúde de ferro - eis a primeira das prioridades.

A avitaminose criadora tem de ser debelada. E com a máxima urgência.

Fascínio e autenticidade - precisam-se!

Basta de estrangeirice foleira e refervida em água choca, quando não em água chilra...

Pia abaixo com o caldo de cultura comissarial que para aí confeccionam as pequenas, médias e grandes fundações. Fundações que nada fundam - e *afundam* tudo.

Fora com os mercenários da cultura.

Os artistas portugueses têm de voltar a criar *em beleza*. Reaprender a criar *em português*.

O povo que *pare, escute, olhe*, e lave os olhos, para poder receber novas imagens e as saber contemplar.

Novas e inovadoras imagens nacionais: móveis, fixas, animadas, bidimensionais, a preto e branco, a cores, a óleo, tudo! E tudo novo, já!

Queremos rasgar caminho para lá chegar.

O Belo está *reencoberto* por uma espessa e cerrada cortina de nuvens.

Quando é que os cabecilhas da política metem de vez no *bestunto* que a Beleza é um serviço de utilidade pública? Um *artigo de tão primeira necessidade* como os que usualmente são assim chamados?...

É urgente reeducar o gosto das gerações, pervertido pela *meia-tijela* (mental) que de tudo põe e dispõe, em regime de parceria com muita *tijela-e-meia* - a que impera e refocila nas cabinas de som de luxo da lixeira mediática.

Urge tornar a sentir a luz, que não as *luzes*, sem cegar.

Já agora pressentimos aproximar-se a *chama* e o *chamamento* de sempre. Vamos accioná-los; e talhar na noite uma estrada para a luz, romper no silêncio um caminho para a voz.

Vamos desbravar o futuro a *bordo* do presente e com a bússola do passado.

Sabemos de *cor* o que trazemos connosco e em nós - somos a vanguarda.

Pintores, músicos, arquitectos, escultores, cineastas, poetas, escritores, dramaturgos - procuram-se! Para pensar, falar, pintar, compôr, projectar, modelar, representar, filmar, escrever - autores, criadores, artistas genuínos, para um Portugal de Portugal!

O efémero tende para o eterno através da Arte. A Pátria também - se nós quisermos.

Arte e Pátria não-de caminhar juntas, sob pena de abrirem falência - e falência fraudulenta - uma e outra...

A Arte é o *habitat* do espírito e o seu *suporte*. A Pátria - um dos nossos primeiros, únicos e últimos sustentos.

Arte, digna desse nome, tem que desassossegar, fazer saltar da pacatez e pequenez doméstico-burguesas as massas (*tenras*) do rectângulo, a gente *aparente* que lhe esgota a lotação e lhe ocupa - mal - os tempos livres.

Convocá-la para outras e novas aventuras é uma *obra de misericórdia*, uma *medida profiláctica*, um imperativo vital.

Para tanto, a Arte Lusíada que propomos terá que ser forte, duradoura, idealista - autenticamente nossa. Mas de nós para todo o Mundo.

Hão-de contemplar-se, na Arte a que aspiramos, todos os céus que nos cobriram e coroaram por esse mundo *a cabo*, os cinco ou mais oceanos em que nos banhámos; o *arco-íris* territorial e humano que somos, fomos, seremos; não--de incorporar-se n'Ela os quatro elementos com que sempre lidámos *tu-cá, tu-lá*, os cinco sentidos que nos assistem desde sempre, sem esquecer aquele *sexto* e suplementar *sentido* de que nós, e só nós, somos dotados. Luzes, cores, sons e aromas em toda a sua apoteose. Os quatro pontos cardiais no seu máximo esplendor.

A Arte pode, deve ser pensada, para fazer pensar - *em português*. Sentida, sim, para fazer sentir - *em português*.

Que a estética faça avançar a História: só as vanguardas artísticas abrem caminhos...

Mas aí dos artistas que negarem a essência do Povo a que pertencem.

Apesar de tudo, a *chama* e o *chamamento* permanecem intactos: a *chama* continua acesa: terá é que ser erguida mais alto; o *chamamento*, esse, tem que se ouvir mais longe.

Nos cinco cantos do mundo espera-se um sinal, *em português*: de Goa a Cabinda e de Brasília a Díli, de S. Vicente a Malaca, de Macau à Galiza.

O Império - mormente O do espírito - é o Reino da Vida a manifestar-se em Beleza; o caminho será o da Arte lusíada, logo, universal: essa *coisa de nada* que é *tudo*.

O desguarnecimento cultural dos espíritos é uma fronteira aberta ao invasor - e das mais perigosas.

*Ainda há pouco, há pouquinho*, chegámos ao extremo de ser brindados com um Primeiro-Ministro que confessou não saber, ao certo, o número de *Cantos* de que se compõem “*Os Lusíadas*”, e muito menos a *matéria* dos mesmos.

Sua *Indigência* desconhece que não saber o número de *Cantos* que integram “*Os Lusíadas*” corresponde a *não conhecer os cantos à casa*: a esta cada vez mais “*piquena-Grande Casa Lusitana*”.

É rigorosamente a mesma coisa.

Se o visado “estadista” porventura soubesse o que representou Macau na vida e na obra de Camões - que em Macau compôs boa parte d’”*Os Lusíadas*” -, talvez não tivesse apostado a sua airoso assinatura ao trespassse do território para as unhas trituradoras da China vermelha.

E talvez não se tivesse revelado também um *eurocancro* tão aplicado como foi, ao ponto de ter hipotecado a última *réstea* do que somos, no sumidoiro sem fundo de Maastricht.

Eis o Terceiro Milénio. É agora ou nunca. Está na hora.

Falta acção, matar saudades do que somos e levantar voo até ao golpe de asa que nos *tire da cama e ponha de pé* a toda a nossa altura.

Temos de arrancar ao nosso encontro. Arrancar outra vez do nada. Por entre ruínas. Ao som de nova música.

Daqui, não-de partir a *chama* e o *chamamento* anunciadores doutra era e doutra hora.

Os homens das nove artes, e os das mais que houver, instintivamente sentirão que é este o sinal para novas e decisivas criações.

Agora, as imagens, sonoras, tácteis, visuais, não-de ser intuitivamente recriadas - contra a contaminação mundialista que só tem gerado produtos modificados e aberrantes.

É absolutamente inadiável restaurar *uma* Pátria Portuguesa para o século XXI.

Estamos fartos de provincianismo estrangeirante e pacoviamente deslumbrado. Enfartados daqueles que querem fazer de nós macaquinhos de imitação atentos e obedientes.

Vamos desbloquear a cultura.

Libertemos a Terra da Luz do negrume que A submerge.

Basta de receituários de pacotilha *normalizada*, aviados na pseudo-boémia artística, dos bairros altos e baixos.

Cem anos depois voltamos a perguntar com António Nobre: “*Qu’ é dos pintores do meu País, / onde estão eles que não vêm pintar*” coisa que se veja ou que jeito tenha?

Será que já não sabem?

Não os deixam?

O Belo assusta assim tanto?

O culto da fealdade dá mais dividendos?

No fundo, no fundo, pretendem-se *pintores* e não passam, talvez, de uns *troca-tintas*...

Como se de um *fenómeno de rejeição orgânica* se tratasse, abominamos a arte porta-moedas que adorna as duvidosas paredes do sistema.

Quanto ao que para aí chamam música - pior um pouco!

Desde logo, como é que pode falar-se de música *popular portuguesa* sem *povo* que a cante, que a toque, que a oiça, que a sinta em *português*?

Como, se tudo se tem feito para extinguir o pouco de povo que sobeja, e o pouco que já sobra de português - *em Portugal*?

E então, o que há-de a gente dizer do que para aí chamam música *ligeira* que se tornou num pesadelo tão pesado, tão pesadão - que só surdos a podem ouvir e os mudos cantar? (Se forem possidónios. Se não, nada feito...).

Não será por estas e por outras que o teatro musicado e a revista à portuguesa estão, também eles, às portas da morte?

Quanto ao caricatural fenómeno *pimba*: é ou não é, antes de mais, um mau *número* de ilusionismo? Que engana com trajes menores e pirotecnicia da mais pirosa uma aflitiva ausência de dimensão musical e de sentido poético?...

Faz ou não faz apelo a sentimentos de vida fácil e aos instintos mais rafeiros?...

Que música toda é esta que não dá música à nossa vida e nos suja de fífias os tímpanos, tal como o resto do ser?

Ai eles *pimba*?

Então, nós... *pumba*!

A nossa música é outra.

E a letra também.

Com respeito aos *dejectos* que para aí nos querem vender como *projectos* - estamos entendidos.

*Não* a uma arquitectura (?) selvática.

Pois então não vêem que uma trama de infinitos arranjinhos está a violar e a aviltar a paisagem nacional?

A transformá-la num subúrbio pegado?

Até as velhas urbes, até elas, já agora são também uma espécie de subúrbios *por degradação*...

Umás estão desertas de gente; os outros a transbordar de gente deserta.

E é ou não é verdade que os antigos centros mais parecem espaços-*fantasma*, - e dos mais soturnos?

Não é verdade, e bem verdade, que as periferias lembram autênticos antros assombrados? Verdadeiros mares de desolação - deprimentes, opressores?

Acabe-se com os *cortiços*. Ainda não perceberam que o *homem-abelha* não existe e que os *jazigos-de-famílias* já têm a sua sede própria?...

Mais e mais construção?

Renovação, ou não?

Há que saber escolher - mas já!

Implosão?

É tempo de pensar nisso.

Abaixo os arquitectos auto-vedetas, vendilhões vendidos, *robots* de várias espécies.

Não queremos *Manhattans à portuguesa*. Nem novas Coimbras abraçando *Continentes*. Tampouco renutridas *Pasteleiras*.

O caos pode ser corrido. Contra a avidez e o *deixa andar* omnipresentes.

Os arquitectos portugueses de Portugal serão dos primeiros a dizer *basta!*

Não servem modas.

Que avance, livre, o incansável combatente do gosto e do senso.

Senso e gosto sem mais. Mais quanto houver de génio.

Só isso.

O próprio Património - o nosso património *monumental e documental* - já nem matrimónio *mal-sucedido* pode considerar-se.

Muralhas fundacionais esbarrondam-se ao primeiro sopro de invernia, como castelos de cartas viciadas... E não há quem lhes deite a mão.

O País está a cair aos bocados de cima a baixo, por crime cultural de negligência.

Passando à escultura - *idem idem, aspas aspas*.

Como se pode chamar escultura ao que é pura quinquilharia de detritos e desperdícios assolapados geralmente ao *rés do chão?!...*

Será que os esculpideiros *instalados* na praça já não plasmam, com as *mãos*, o que lhes passa pela *cabeça* - e preferem deixar isso ao cuidado dos *pés?...*

Chega de escultura a cheirar a lixo.

Este *atelier* político já tem a escultura que pode - ou que merece - no Parque Eduardo VII.

No Parque Mayer, nem isso.

Porque dramática a valer é a situação do teatro. Desprovido de autores e de actores, de texto e de acção, de palcos e de público, que mais lhe irá acontecer?

Será que ainda há algum dramaturgo vagamente português?

Que raio de *cómico falhado* domina o espectáculo em Portugal a estas horas?

Quem é o domador de toda esta *troupe* de amadores?

Quem a domestica e quem a amestra?

Ou antes: quem é que a está a atirar às feras?

Os bons intérpretes de teatro ou estão reduzidos a um silêncio estridente, ou já foram soterrados pelos actores da má política. Esta que aí está em cena, em regime de sessões contínuas, e que não há meio de sair de cartaz.

Os actores-*modelo* foram amavelmente corridos pelos modelos-actores - e uns e outros já não querem mesmo outra vida.

Muitos actores são falsificados - e deixam falsificar-se - num papel menor de apresentadores de concursos e agentes de imbecilização ao domicílio - *por cabo*.

Quem não pode - ou não sabe - fazer mais nada, vai para papagaio da TV, entra no carrocel dos famosos. É o máximo!

Está visto: neste País não se desce no ridículo - sobe-se no ridículo.

Basta de cinema feito para cegos.

O panorama das belas letras não é menos feio nem mais animador.

Fazem-se passar por escritores *comprometidos*, escritores altamente *comprometedores*, na medida em que comprometem tudo e mais alguma coisa: comprometem, desde logo, a Língua Portuguesa e quem cai na asneira de os entreler.

O diabo que carregue quanto aí houver de escritos moscovitas de expressão portuguesa. Mais quanta *chinesice* e *cubanice* pretensamente literária para aí assim campeie.

Criadoramente, antes nos queremos com a graça de Deus do que com os *graça moura*...

E cuidado, cuidadinho com os poetas ou *patetas* - nem sequer *alegres*.

Toda a atenção, também, aos *poetrastes* que o que têm de mais triste é serem alegres.

Tal como nunca serão demais as precauções a tomar com os prémios *ignóbeis* e outras ervas ruins...

Importa voltar a valorizar o texto pelo *texto*, e não em função do *contexto* - ou como mero *pretexto* de ocasião para coisas politicamente correctas mas culturalmente indecorosas.

Estamos fartos de *nulidades* promovidas a *portentos*, de ver criadores de inegável génio sistematicamente neutralizados.

Tantos talentos ignorados. Tantos ignorantes de sucesso

Pare-se com a indiferença - faça-se a verdadeira diferença!

A aventura já começou - este é o toque para o embarque.

Quem tiver medo não venha - terá notícias nossas por muitos e muitos anos.

Somos portadores da ideia nacional plasmada em novas imagens portuguesas.

Vamos conseguir de novo - porque em cada volta do tempo se avança um passo.

Basta de pequenos e médios intelectuais.

Chega de artífices medíocres.

Abram-se *salas de chuto* para os subsidiodependentes...!

Perfilem-se, já, os verdadeiros criadores do Universal - têm a *chama* e o *chamamento* à sua espera.

Portugal nunca desceu tão baixo. Por isso, nunca voará tão alto.

Vamos a isto.

Venham daí connosco, que não se arrependem.

Podem é arrepender-se de não ter vindo.

Mãos à obra - e, para já, às obras de Arte, que bem precisadas estão de nós, e nós delas como de pão para a boca.

Vamos, que se faz tarde.

Apareceremos por cá mais vezes.

Não perdem pela demora.